



## O Homem Mais Espirituoso de Paris

*Quem conhecia Tristan Bernard gostava dêle... e tinha de rir*

CORNELIA OTIS SKINNER

**O** FAMOSO dramaturgo Tristan Bernard foi talvez o último dos grandes *boulevardiers* de Paris... e com certeza o mais encantador e o mais popular. Cada vez que êle aparecia em público, as pessoas o tratavam de você,

quer o conhecessem, quer não. Mesmo agora, 15 anos depois de sua morte, quando se fala em "Tristan" só pode ser uma pessoa: Tristan Bernard, a quem o conhecido romancista Roland Dorgelès chamou "O Filósofo do Sorriso".

*Condensado de "Elegant Wits and Grand Horizons"*

As peças com que Bernard deliciou Paris são bobagens alegres. “Escreva qualquer tipo de peça, desde que o tema divirta”, disse êle uma vez a um jovem escritor. “Mas, se incendiar Moscou e derrubar tronos, faça-o porque a lourinha não gosta mais do marido, por causa do rapaz moreno que mora no terceiro andar de uma das casas que você pretende incendiar.”

Tristan Bernard tinha horror declarado ao esforço de escrever suas encantadoras comédias, e a sua produção aparentemente fluídica custava-lhe um trabalho penoso e árduo, que êle adia o mais que lhe permitisse a consciência. Se alguém falava em visitá-lo, êle dizia: “É um favor. E de preferência pela manhã. É quando eu trabalho.” Uma noite, antes de deitar-se, resolvido a começar a trabalhar cedo, no dia seguinte, êle disse à empregada: “Elisa, acorde-me às sete horas. Se às oito não estiver levantado, não me chame mais antes do meio-dia.” Uma vez, um companheiro de clube disse-lhe: “Não há lugar onde eu durma melhor do que na biblioteca do nosso clube.” Bernard respondeu: “Isso é porque você ainda não experimentou o meu gabinete de trabalho.”

Mas, fôsse ou não penoso para êle resolvei-se a escrever, os resultados de seu trabalho eram extraordinariamente bem sucedidos. Entre êles, *Francês sem Mestre*, peça constantemente reapresentada por grupos internacionais de amadores. Bernard só teve uma peça infeliz. Du-

rante sua breve permanência em cartaz, um amigo telefonou pedindo um lugar de graça. Bernard respondeu: “Só damos filas inteiras.”

Tristan Bernard nunca foi capaz de se tomar a sério. Uma vez levou uma pancada accidental de um trabalhador que carregava um imenso relógio-armário ao ombro. Em vez de zangar-se, sacudiu o pó da roupa e fêz uma observação que se tornou famosa e é freqüentemente citada: “Por que é que você não usa relógio de pulso, como todo o mundo?”

Outra vez, num restaurante, quando serviram a sopa, êle disse que sentia muito, mas não podia tomá-la. O garçom levou o prato e voltou com outra qualidade de sopa. Bernard continuava lamentando muito, mas que também não podia tomar aquela sopa. Diante disso, o dono do restaurante acudiu pressuroso, dizendo que nunca um freguês se queixara das sopas da casa. Bernard concordou, dizendo: “Estou plenamente convencido de que são deliciosas, mas não tenho colher.”

Depois que êle se tornou um dos primeiros dramaturgos e humoristas de sua terra, seu colega Maurice Donnay, também dramaturgo, procurou convencê-lo a candidatar-se à Academia Francesa. São bem conhecidas as complicações de uma candidatura ao rol dos Imortais. Uma delas—e não das menores—é a carta inicial de inscrição, que precisa ser uma jóia de composição primorosa, cuidadosamente escrita à mão e formalmente apresentada ao

Secretário Permanente. Tristan Bernard não estava disposto a amolar-se com um cerimonial dessa natureza. Rabiscou um bilhete e despachou-o pelo serviço postal *pneumatique*, de onde foi parar na mesa do Secretário Permanente. Mal o Secretário se refizera do choque, chegou um segundo *pneu* dizendo que, pensando melhor, o missivista resolvera não se candidatar à Academia. “O fardão custa muito caro”, explicou depois Tristan. “Vou esperar até que morra alguém do meu tamanho.”

Não foi bravata, foi uma atitude característica de seu intrínseco desprezimento. Êle não se preocupava com formalidades e era escandalosamente descuidado com as roupas. Usava a gravata sempre torta, deixava freqüentemente de engraxar os sapatos, e não tinha uma roupa que lhe caísse bem. Não significava nada para êle chegar a um jantar elegante de paletó de *smoking* e um par de calças velhas.

Também não se preocupava com dinheiro. Ganhava muito, mas não tinha a mínima idéia de onde ia parar o dinheiro. Houve uma ocasião em que descobriu, com o maior espanto, que estava quase falido. Seu advogado o repreendeu, como faria com uma criança, dizendo-lhe que êle teria de reduzir suas despesas. “*Ah, mais non!*”, exclamou Bernard. “Já tenho bastantes aborrecimentos na vida para ainda acrescentar-lhes privações!” Ainda assim, retirou todo o dinheiro que tinha no Banque de

France para liquidar suas dívidas. Ao sair, passou pelo guarda armado que estava de sentinela na entrada, acenou com a cabeça e disse: “Obrigado, meu amigo. Agora você pode ir para casa.”

Suas dificuldades financeiras eram aumentadas pela sua própria generosidade. Nunca passava por um mendigo sem dar-lhe alguma coisa, e correu a notícia, no mundo dos vagabundos, de que êle era um alvo fácil. Um velho *clochard* costumava postar-se regularmente à porta de Bernard. Um dia, em princípios de julho, vendo-o parado no lugar costumeiro, Tristan entregou-lhe uma nota grande dizendo: “Vou partir amanhã para a Normandia. Tome dois meses adiantados. Você também tem direito a férias.”

“Não é difícil ser espirituoso quando se é maldoso”, disse uma vez Bernard. Mas êle nunca era maldoso. “Seu espírito era a máscara da emoção, e às vêzes mesmo o riso da angústia”, escreveu Jean-Jacques, seu filho, numa biografia encantadora e cheia de ternura.

Bernard tinha uma grande capacidade de amar. “Fala-se nas ilusões dos que amam”, escreveu êle, “mas seria melhor falar na cegueira dos que não amam.” Essa cegueira êle não conhecia. Adorava a família, e em sua biografia seu filho apresenta-o como um pai alegre e cativante. Fazia brincadeiras imprevisíveis e bôbas em casa, levantando-se no meio de uma refeição, com um guardanapo no braço, para imitar

um pomposo *maître d'hôtel*, ou desaparecendo da sala, durante um jantar de cerimônia, para voltar um ou dois minutos depois como um caçador de peles do Norte gelado. "Nunca chegarei à segunda infância", confessava êle. "Não saí da primeira!"

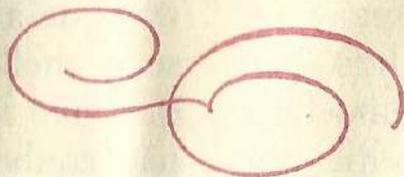
A poesia entusiasmava-o. Jean-Jacques fala no seu livro em noites de verão remotas e silenciosas, passadas na pequena casa da família na Bretanha, em que o único ruído era o bater do mar distante e o grito ocasional de um pássaro. O pai recitava então alguns dos muitos poemas que sabia de cor. Dizia com amor os versos de que mais gostava e, quando acabava, tinha lágrimas nos olhos.

Tristan Bernard era judeu. Quando chegaram os nazistas, depois da queda da França na Segunda Guerra Mundial, começaram a perseguir todos os judeus, fôsse qual fôsse a sua idade. Em 1943, então com 77 anos, Bernard foi também prêso. Meteram-no num sórdido e apinhado vagão de carga e mandaram-no para o Norte, para o campo de horrores de Drancy. Êle foi para os outros uma inesquecível imagem de

fortaleza e ânimo. "Meus amigos", disse êle aos companheiros aterrizados, "até agora vivemos sob o domínio do medo. Daqui por diante vamos viver sob o domínio da esperança."

Como fazia anos antes, no seio da família, na tranqüila casa da Bretanha, também naqueles indescritíveis ermos êle enchia muitas das horas intermináveis recitando fábulas de La Fontaine, versos líricos de Verlaine e dísticos heróicos de Corneille. Os ouvintes eram franceses. O som da literatura de sua terra talvez tenha dado alguma paz aos que iriam morrer.

Tristan sobreviveu ao campo de horrores, apesar de seu neto haver morrido em Mauthausen. Quando voltou a Paris, era um homem abatido. Tornara-se muito surdo. Aconselhado por amigos a usar um aparelho auditivo, repeliu a idéia, dizendo: "Para quê? Só se ouvem as mesmas coisas." Entretanto, exausto e angustiado como estava, não alimentava amarguras. "Mágoas e tribulações não me modificaram", disse êle. "Só odeio uma coisa. Essa coisa é o ódio."



### *Visão do Mundo*

**O** DR. FRANK C. Laubach, dinâmico professor-missionário que tem levado sua luta contra o analfabetismo a todos os cantos do mundo, tem esta oração preferida: "Senhor, perdoai-nos por olharmos o mundo com olhos enxutos."

—Bert Jarnagin, UPI